

Acaba a greve dos servidores da Saúde

A greve dos servidores da Fundação Hospitalar do DF (- FHDF) acabou ontem, apesar de ainda não haver nenhuma definição do GDF quanto ao atendimento das reivindicações da categoria. Desde o dia 15 de setembro, três centros de saúde estavam paralisados (Hospital de Base, Hospital Regional de Planaltina e o de Sobradinho). Depois de algumas negociações com a Secretaria de Saúde e com o secretário Jofran Frejat - que chegou a ameaçar os grevistas -, os representantes do Sindicato de Saúde estão esperançosos de que haja uma solução.

A adesão foi parcial, abaixo do esperado pelos organizadores. Mesmo assim, a diretoria do Sindicato avaliou o movimento como positivo, pois teria levado o governo a abrir negociações com os trabalhadores. O presidente do Sindicato de Saúde, Antônio Agamenon Viana, disse que as principais reivindicações foram negociadas. "A greve foi importante. Passamos nove meses sem diálogo com o governo, mas com a paralisação, abrimos um canal de comunicação", afirmou. As principais reivindicações são o reajuste de 28,86%, prometido pelo governador, tíquetes-alimentação suspensos desde 1996 e aplicação da Lei 2.052, que regula o AIS III, uma reclassificação no plano de carreira da categoria.

Nas principais regionais de saúde, hospitais e centros médicos, o funcionamento foi normal. Em Taguatinga, Sobradinho, Ceilândia, além do Hran e Hmib, não houve paralisação e o atendimento à população prosseguiu sem transtornos. O ambulatório do Hospital de Base foi o único local que aderiu por completo. Mas, ontem, todos os hospitais voltaram a funcionar normalmente.

O secretário de saúde, Jofran Frejat, chegou a ameaçar os funcionários em greve. Convocou, no dia 18, 500 homens

do Exército, 46 da Marinha e 56 da Aeronáutica para fazer a vacinação contra raiva em animais. Afirmando que cortaria o ponto de quem faltasse ao trabalho e que os grevistas teriam o contrato de 40 horas - que é opcional e mais vantajoso financeiramente - reduzido para 30 horas. Com isso, haveria uma redução de 33% no salário de cada servidor.

O secretário também pediu a seus assessores que fizessem um levantamento dos nomes dos funcionários em greve que, consequentemente, teriam o ponto cortado. Agamenon disse que "a lista com os nomes foi feita e entregue. Mas acredito que o secretário não fará nada do que disse. Conhecemos Jofran Frejat há muito tempo, ele não tomará uma decisão tão radical. Ele está do nosso lado", afirmou. "Agora, depois da greve, ficaremos esperando que as reivindicações sejam atendidas, temos esperança que tudo se resolva", espera Antônio.

A Polícia Civil também está se organizando para uma greve geral. Desde janeiro deste ano, os policiais estão esperando por uma gratificação - cerca de 70% do vencimento básico - por operações especiais, risco de vida e dedicação exclusiva. Segundo Fábio Barcellos, Presidente do Sindicato dos Policiais Civis, a Polícia Federal recebe essa gratificação, mas apenas aqueles que ingressaram na carreira antes de 1996. "Nós nunca recebemos", afirmou. Além dessa gratificação, os policiais precisam de mais pessoal, escrívães, viaturas e coletes à prova de bala.

Os policiais estipularam um prazo máximo para o governo, que será de 45 dias a partir de ontem. "No dia 4 de novembro, faremos uma assembleia geral. Se nossas reivindicações não forem atendidas, entraremos em greve", disse Fábio.

CAROLINA JARDON

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA